

afirmava irônicos propósitos: ser sisudo, enquanto não lhe fizessem cócegas, acompanhar as idéias do governo, “por serem sempre as melhores”, o que jamais fez, naturalmente, defender a liberdade de cultos, “para aumento da descrença, indiferença e confusão desta Babel em que vivemos”, o que sempre fez, vargastando o clero e as beatas. Entrou logo, por isso, em choque com outras folhas, particularmente com o *Diário de São Paulo*, de Cândido Silva, que tinha João Mendes de Almeida como redator principal. A certa altura, a crítica do lápis de Agostini intitulada “O cemitério da Consolação no dia de Finados” provocou escândalo e polêmica. Nos “a pedidos” do *Correio Paulistano*, descompunham-se admiradores e adversários de Agostini, e isso era “fato virgem nos anais paulistanos, a contar as coisas do tempo da expulsão dos jesuítas para cá”. Era muito tempo.

Quando Henrique Fleiuss lançou, na Corte, em 1860, a *Semana Ilustrada*, tinham circulado já, como ficou explicado, pequenos e toscos jornais de caricaturas e havia litografias que tiravam estampas avulsas; o que não havia era uma revista ilustrada: nesse sentido, Fleiuss foi, realmente, pioneiro. A *Revista Popular*, antes, era mensário com figurinos intercalados no texto e uma que outra estampa, mas eram impressas na França e remetidas ao Garnier, que as inseria na revista. Os primeiros números da *Semana Ilustrada* saíram sem data, mas é certo que começou a circular na segunda quinzena de dezembro, parece que a 16. Seu formato era pequeno, com oito páginas, quatro de texto e quatro com ilustrações. Publicava poesias, crônicas, contos — as crônicas sob a responsabilidade do Dr. Semana, figura obrigatória da ilustração da capa, de que se pretendia fazer um tipo, comentando os sucessos da semana com o seu moleque, pequeno escravo que lembrava personagem da peça de Alencar, *O Demônio Familiar*. Pela *Semana Ilustrada* passaram os mais conhecidos escritores e jornalistas da época: Machado de Assis, Quintino Bocaiuva, Pedro Luís, Joaquim Manuel de Macedo, Joaquim Nabuco, Bernardo Guimarães, etc. Teve como correspondentes na guerra com o Paraguai a Joaquim José Inácio, futuro visconde de Inhaúma, Antônio Luís von Hoonholtz, futuro barão de Tefé, e Alfredo d’Escagnolle Taunay; circulou até 1876, durando dezesseis anos. Não era crítica, mas fazia campanhas como a da instalação da rede de esgotos no Rio, abolindo-se o uso dos famigerados *tigres*. Amigo da casa imperial, que sempre prestigiou, como aos governos em geral, Fleiuss, grande desenhista e litógrafo, não era humorista nem crítico. Até o número dez, a *Semana Ilustrada* foi totalmente desenhada e litografada por ele, recebendo, daí por diante, a cooperação de H. Aranha, Aristides Seelinger e Ernesto Augusto de Sousa e Silva (*Flumen Júnior*) e, no último